

Artes plásticas, educação e favela: aprendizagens desde a Providência Agroecológica

Visual arts, education, and the favela: lessons from Providência Agroecológica

Lorena Portela Soares

 0009-0007-2778-4457

lorenaportelasoares@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta os resultados de um ciclo de práticas coletivas com artes plásticas vivenciadas no contexto da Providência Agroecológica, organização do Morro da Providência, Rio de Janeiro, em 2022 e 2023. O percurso teve como orientação teórico-metodológica a educação popular e as práticas culturais e pedagógicas do Movimento Agroecológico. Duas propostas foram construídas com mulheres, crianças, adolescentes e a artista-proponente, que é uma das coordenadoras da Providência Agroecológica: a Caravana Cultural da Favela, que envolveu outros três projetos de agroecologia de favelas do Rio de Janeiro, e a mostra de artes visuais Afável – Arte, Agroecologia, Favela. A partir dos resultados dessas práticas artístico-pedagógicas, são discutidas as contribuições e os limites do ensino das artes plásticas no contexto desse espaço educacional, de cultivo e de cuidado em saúde liderado por mulheres, considerando os processos de constituição de memórias, de vínculos e pertencimentos; de experimentação (ainda que temporária) do lugar social de artista; de facilitação ao acesso e à apropriação de equipamentos e bens culturais; e à possibilidade de sonhar e construir projetos de mudança social e ambiental por meio das artes.

Palavras-chave

Territorialidade. Morro da Providência.
Práticas artísticas coletivas. Agroecologia. Favela.

Abstract

The article presents the results of a cycle of collective visual arts practices experienced within the context of Providência Agroecológica, a community-based organization in Morro da Providência, Rio de Janeiro, in 2022 and 2023. The journey was guided by the theoretical-methodological framework of popular education and the cultural and pedagogical practices of the Agroecological Movement. Two proposals were developed with women, children, adolescents, and the proposing artist, who is also one of the coordinators of Providência Agroecológica: the Favela Cultural Caravan, which brought together three other agroecology projects from Rio de Janeiro's favelas, and the visual arts exhibition Afável – Art, Agroecology, Favela. Based on the results of these artistic-pedagogical practices, the article discusses both the contributions and the limitations of visual arts education within the context of this education, agricultural cultivation and health care space led by women. It considers processes related to memory construction, the formation of bonds and social belonging, the (even if temporary) experimentation of the social role of an artist, the facilitation of access and the appropriation of cultural assets and equipment, and the possibility of dreaming and building projects for social and environmental change through art.

Keywords

*Territoriality. Morro da Providência.
Collective artistic practices. Agroecology. Favela.*

Introdução

Neste texto¹ são compartilhados aprendizados de um ciclo de práticas coletivas com artes plásticas propostas no contexto da Providência Agroecológica, organização de agroecologia, educação e saúde liderada por mulheres no Morro da Providência, favela na Pequena África Carioca, na zona portuária do Rio de Janeiro (RJ). O estudo discute possibilidades e limites das propostas artístico-pedagógicas desenvolvidas nesse espaço educacional, identificadas a partir de minha posição como artista-educadora e cocoordenadora da organização, inserida, portanto, em um processo continuado de compromisso e implicação com esse território.

O Morro da Providência é conhecido como a primeira favela do Brasil e tem sua história profundamente imbricada com o processo escravocrata, com a Guerra de Canudos e outros movimentos de resistência popular, além de se vincular diretamente à construção do imaginário brasileiro sobre a favela, ainda no início do século 20 (Valladares, 2000).

A Providência Agroecológica é fruto da junção de dois projetos criados no início da década de 2010 por mulheres moradoras do Morro da Providência: o Horta Inteligente e o Naturalê. Entendida como uma escola em construção permanente, suas ações se estruturam a partir do espaço pedagógico do quintal, como lugar de cultivo de plantas alimentícias e medicinais, de convivência intergeracional, de brincadeiras e experimentações. Suas atividades integram práticas de cuidado em saúde e de restauração ambiental, ciclos formativos e celebrações culturais. Parte importante do trabalho se dá em parceria com escolas, unidades de saúde, centros culturais e outros equipamentos públicos da Pequena África.

As práticas coletivas com artes plásticas foram propostas em 2022 e 2023 em diálogo com mulheres, crianças e adolescentes que também constroem a organização. Mais pontualmente, foram envolvidas lideranças e crianças de iniciativas de agricultura urbana de outras três favelas da cidade do Rio de Janeiro.

¹ Este artigo desenvolve, sob perspectiva mais ligada ao campo da arte, discussões elaboradas em minha tese de doutorado em saúde coletiva *Artes plásticas, saúde coletiva e transformação social: uma aprendizagem para a construção de utopias, conhecimentos e práticas em diálogo com a iniciativa popular Providência Agroecológica na favela*, sob orientação do professor doutor Marcelo Firpo Porto e da professora doutora Marina Tarnowski Fasanello.

Este percurso não pode ser dissociado da condição específica de minha inserção como mulher de classe média, não moradora de favela e, ao mesmo tempo, trabalhadora desse território desde 2015, desempenhando a cocoordenação das atividades da Providência Agroecológica. Esse conjunto de localizações situa o lugar específico do qual pude conduzir o estudo, que diz respeito às limitações da minha própria posição e às questões que escolhi priorizar.

O estudo foi orientado pela pesquisa participante (Brandão, Borges, 2007; Brandão, 2007), proposta teórico-metodológica alinhada à educação popular. Também encontrou inspiração em práticas culturais e pedagógicas do Movimento Agroecológico, que serão brevemente apresentadas.

Pintura, escultura, desenho, colagem, grafite e outras expressões plásticas foram experimentadas na realização da Caravana Cultural da Favela e na produção de obras para a exposição Afável – Arte, Agroecologia, Favela, realizada no Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (Muhab). Essas duas propostas são discutidas à luz das aspirações artísticas e pedagógicas associadas a sua elaboração, somadas à realização de entrevistas individuais e ao processo de escuta de pessoas participantes das atividades coletivas.

Práticas artísticas e educação popular no movimento agroecológico: breve contextualização

A agroecologia tem sua constituição na década de 1980 a partir da articulação entre organizações não governamentais, movimentos camponeses, indígenas e grupos acadêmicos envolvidos na construção de um novo paradigma produtivo para a agricultura em contraposição ao modelo do agronegócio (Silva, 2020).

Caracterizado por dar centralidade à reprodução da vida, aos bens comuns e aos princípios ecológicos, o paradigma agroecológico tem como fundamentação a interação entre o conhecimento técnico-acadêmico e os conhecimentos populares e tradicionais (Almeida et al., 2020). Esse fundamento está presente nas bases conceituais e metodológicas orientadoras do campo; nas tecnologias produtivas desenvolvidas; e no próprio modo de organização como movimento, reunindo grupos sociais e instituições com práticas político-pedagógicas comuns (Monteiro, Londres, 2017). Nos contextos urbanos periféricos, por exemplo, a agroecologia se faz presente nas lajes e nos quintais, nas iniciativas comunitárias

em praças e terrenos, nas práticas de cultivo, alimentação e educação protagonizadas por mulheres, especialmente as mulheres negras.

Pode-se considerar que o Movimento Agroecológico possui pedagogia própria, constituída, principalmente, no encontro entre a educação popular, a educação do campo e os saberes do trabalho camponês (Silva, 2020). Suas práticas organizativas têm, portanto, grande influência das experiências de construção de conhecimento, de socialização e de formação política que também são encontradas nos movimentos de luta pela terra na América Latina.

O uso de metodologias afetivas em processos autogestionados de construção do aprendizado coletivo compõe essa pedagogia. Observa-se que as artes – incluindo a poesia, o cordel, a música, a contação de histórias, o cinema, o teatro, as instalações, entre outras – têm permitido acessar campos sensíveis que potencializam a capacidade de diálogo com a sociedade nas mobilizações de formação política e cultural, nos processos de comunicação e de produção de conhecimentos (ANA, 2018). Com múltiplas autorias envolvidas, essas diferentes formas artísticas assumem o papel metodológico de conexão entre práticas pedagógicas populares e institucionalizadas, de articulação entre educadoras/es, pesquisadoras/es, técnicas/os, organizações da sociedade civil, movimentos sociais, agricultoras/es camponesas/es e urbanas/os e comunidades tradicionais (Silva, 2020).

O componente educação popular pode ser destacado como paradigma educacional que fundamenta essa pedagogia em constituição, especialmente pelos seus princípios de interação entre os diferentes sistemas de conhecimento; pelas posturas pedagógicas problematizadoras e democráticas que pressupõe; e pelas metodologias participativas que propõe, baseadas na realidade concreta dos sujeitos em interação (Silva, 2020).

A pesquisa participante incorpora os princípios da educação popular ao processo de pesquisa. Pode ser definida como um momento específico do processo de ação social, no qual os conhecimentos e valores construídos solidariamente são colocados a serviço da comunidade envolvida, como sugerem Brandão e Borges (2007). Esses autores destacam alguns fundamentos operativos comuns da investigação científica pela pesquisa participante que orientaram metodologicamente este estudo. O primeiro é a identificação de que o propósito da pesquisa e da educação não é resolver problemas locais, mas apoiar a autonomia dos sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais dele derivadas; o segundo

é o reconhecimento de que todas as pessoas e culturas são fontes originais de saber e pela interação entre esses saberes é possível construir uma forma compartilhada de compreensão da realidade.

Murais, memória e cuidado: a Caravana Cultural da Favela

Uma das práticas amplamente utilizada pelo Movimento Agroecológico é a Caravana Agroecológica e Cultural, que tem como objetivos mobilizar atores locais, estimular a troca de saberes e práticas agroecológicas e fortalecer vínculos por meio da imersão em um território, com ciclos de visitas coletivas às experiências de agricultura locais. Essa metodologia inspirou a realização da Caravana Cultural da Favela no segundo semestre de 2022.

Tratou-se de uma ação de aproximação a iniciativas de agricultura urbana agroecológica de outras três favelas da cidade do Rio de Janeiro. A atividade consistiu em elaborar, em cada um dos territórios, um mural público em local escolhido pelo grupo e distribuir mudas da planta favela (*Cnidoscolus quercifolius*) para suas lideranças. Foram escolhidos o projeto de horta da dona Josefa, no Complexo do Alemão (bairro Olaria), o projeto Atitude Social, na comunidade do Salgueiro e o projeto Formiga Verde, no Morro da Formiga (ambos no bairro Tijuca).

A Caravana envolveu encontros nos territórios para escuta das memórias e pintura coletiva dos murais, envolvendo as crianças de cada projeto. Inicialmente, foi estabelecido um diálogo com cada liderança sobre os elementos importantes do seu território, para que fosse definido o conteúdo dos murais. Também participaram dessas conversas pessoas mais velhas moradoras, que compartilharam histórias antigas sobre os morros e suas transformações. Após esses encontros de escuta e de pintura, foi realizado um dia de visita aos três territórios, em caravana, para entrega das mudas e celebração, com intercâmbio entre as crianças dos projetos e as lideranças.

No projeto Atitude Social, não havendo possibilidade de pintura em uma área pública externa, foram confeccionadas telas para decorar a Biblioteca Comunitária Zuleica Batista na Comunidade do Salgueiro. Na área de cultivo cuidada por dona Josefa na Pedra do Sapo, no Complexo do Alemão, foi elaborado um mural retratando a própria liderança, que é uma referência na comunidade, além de plantas, alimentos e animais. A pintura foi feita sobre uma pedra com participação das crianças e de dona Josefa, na área em que funciona sua horta (Figura 1).



Figura 1
Dona Josefa, obra colaborativa com participação das crianças do Complexo do Alemão, 2022 (Fotografia de Rodrigo Toscano. Acervo pessoal)

Na sede do projeto Formiga Verde foram pintados rios, que eram ali abundantes, e um palhaço de folia de reis, celebração tradicional do Morro da Formiga (Figura 2). Após essa atividade, as folias de reis do Morro da Formiga passaram a visitar anualmente o Morro da Providência. Desde então, os grupos são recepcionados pela Providência Agroecológica, fortalecendo a relação de parceria.



Figura 2

Rios da Folia de Reis, obra colaborativa com participação das crianças do projeto Formiga Verde, Morro da Formiga, 2022 (Fotografia de Maurício Hora. Acervo pessoal)

As pertenças locais marcam o trabalho dessas mulheres como lideranças comunitárias. A despeito das circunstâncias estruturais, são mulheres que conquistaram um reconhecimento em suas comunidades e nos movimentos e institucionalidades por onde se articulam. Em comum, há o compromisso radical com a favela, espaço direto de ação, inserido na perspectiva de um projeto mais amplo de transformação da sociedade (Nunes, Veillette, 2022). Especificamente, as iniciativas que assumem a questão ambiental e a agroecologia como princípios orientadores evidenciam territorialidades urbanas emergidas da conquista diária pela permanência:

O desafio é se manter nesse lugar; está sempre sendo cobiçado. Na verdade, a minha segurança aqui eu já descobri. Entendi que a minha permanência aqui é espiritual. Meu sonho é que o espaço possa seguir, com uma pessoa para substituí-la quando eu não estiver mais (Denise dos Santos, coordenadora do Atitude Social, comunidade do Salgueiro, em entrevista concedida à pesquisa).



Figura 3

Entrega da muda de favela
para dona Josefa no Complexo
do Alemão, 2022 (Acervo
pessoal)

Com a Caravana Cultural da Favela, foi criada uma situação social para a partilha de memórias e a construção de um senso de continuidade e pertencimento a um acúmulo histórico e social. A arte foi o caminho escolhido para aproximar os grupos, somada à entrega de uma planta de grande força simbólica: a favela ou faveleira, característica do bioma da Caatinga, que nomeou o Morro da Providência no final do século 19 (então Morro da Favella). Retomar as histórias de formação das favelas e das iniciativas de agroecologia por meio dos murais públicos foi uma forma de desafiar narrativas dominantes sobre os territórios. Foi, também, uma forma de homenagear e valorizar as trajetórias de suas lideranças.

Afável: ação pedagógica e ativação da institucionalidade museológica

Afável – Arte, Agroecologia, Favela foi uma mostra de artes visuais que aconteceu no Museu da História e da Cultura Afro-brasileira, na Gamboa, em outubro de 2023. Reuniu mais de 50 trabalhos de 15 artistas, entre mulheres moradoras da Providência, educadoras e do fotógrafo e parceiro Maurício Hora, além das produções de 11 crianças da Providência Agroecológica.



Figura 4

Mostra de artes visuais Afável,
Muhab, Rio de Janeiro, 2023
(Fotografia de Maurício Hora.
Acervo pessoal)

A exposição foi a culminância de um ciclo de oficinas livres de artes plásticas conduzidas ao longo de seis meses na Providência Agroecológica, demarcando a passagem dos “produtos de oficinas” a “objetos de arte”. O espaço museológico trouxe essa potencialidade de conversão e marcou um elemento importante do ciclo da produção artística: o do encontro da obra com o outro e de vivenciar, como criador(a), o espaço público da interação.

A formalidade de expor em uma sala de museu, especialmente sendo um museu do próprio bairro, oportunizou a inserção das/os moradoras/es nesse espaço institucional na posição de artistas e não em posições secundarizadas. Para as crianças participantes, o Muhcab já era um espaço conhecido em visitas guiadas e atividades prévias realizadas em parceria com a Providência Agroecológica. Para a maior parte das mulheres, a mostra marcou a primeira experiência nesse museu, apesar de sua gratuidade e proximidade do morro.

Afável – Arte, Agroecologia, Favela contou a história do ciclo de oficinas de artes plásticas realizado, com fotografias dos processos produtivos e a presença dos objetos finais. Reconhecer-se nas imagens e nos objetos é uma das formas possíveis de vivenciar o lugar social de artista e de construir outros pertencimentos ao equipamento público e ao território. Outro aspecto importante foi a reunião de peças de adultos e crianças. Essa copresença sintetizou, em Afável, o encontro intergeracional proposto pela Providência Agroecológica.

O texto curatorial da mostra Afável, elaborado conjuntamente com a curadora convidada Clara Lobo, foi disponibilizado no espaço expositivo de forma impressa e por áudio, a partir das narrações de algumas mulheres e crianças participantes:

AFÁVEL

Avós, mães, crianças, podem essas múltiplas gerações partilharem e construírem um espaço comum? O projeto Providência Agroecológica no ano de 2023 abre-se para a instauração de processos artísticos a um só tempo intergeracional: crianças, mães e avós.

Experiências sonhadas, experiências compartilhadas, experiências orgânicas; floresta, horta, plantio; mãos, argila, esculturas; fios, cordões, entrelaços, contas; tecidos, tessituras, costuras; artes, vidas, processos; papeis, tintas, texturas, imagens que se criam, imagens que se chegam, imaginários que se disputam.

Pensar um espaço em que essas múltiplas gerações podem cocriar o território é apostar que ele não existe sem essas vidas que o constituem, o reinventam, o redizem, em suas capacidades artísticas e culturais tornam dizíveis e visíveis outros modos de narrar e constituir o território e a experiência urbana.

Afável: Arte, Agroecologia e Favela/floresta como gesto indissociável que indica um campo de forças que não está dado: os grupos se organizam, faz-se cultura, produz-se arte, não porque a vida é plena de direitos ou porque é útil ou porque é possível escolher, faz-se porque é preciso, e a essa convocação essas vozes polifônicas dizem: é preciso. E redizem: é preciso escutar a construção de uma outra cidade.

A exposição conferiu outros destinos para as peças de artes geradas nos processos artístico-pedagógicos, distintos do armário ou do arquivo. Essa destinação confere importância equivalente entre as relações de produção (a estrutura produtiva em que se insere a realização de objetos artísticos) e o destino dado a esses objetos. O que provoca a pensar sobre quais têm sido os destinos das produções em espaços de ensino das artes em favelas. Pode-se considerar ainda que a mostra de artes visuais criou uma conjuntura especial em que a produção, a circulação e a apropriação das obras artísticas são realizadas pelos mesmos sujeitos, que criam, preparam a exposição e dela participam seus familiares.

Como proposta pedagógica, a exposição das obras em Afável ativou institucionalidade museológica a partir de uma parceria territorializada entre Providência Agroecológica e Muhcab. Estratégias de visibilização como essa podem ser acionadas para o fortalecimento de processos socioculturais sem implicar, necessariamente, uma subordinação à lógica dominante do campo artístico.

Como campo social, o meio das artes é composto por todo um sistema de agentes, entre críticos, editores, historiadores da arte, donos de galerias, colecionadores, instituições, instâncias políticas, entre outros, que atuam na produção da crença no valor (simbólico e econômico) da obra de arte. A consagração de um artista está condicionada a esse processo coletivo orientado pela lógica interna ao campo artístico (Bourdieu, 1996) sinalizada por Maxwell Alexandre:

A prática é que ela [a arte] seja restrita, mantendo o programa de diferenciação social, definindo quem tem subjetividade, bom gosto, cultura,

poder de síntese, abstração, de assimilação de um campo que detém uma das maiores concentrações de capitais simbólicos e intelectuais. Matar a fome de espírito é o prestígio daqueles que já exauriram a fome da carne. E esse privilégio é cultivado, ensinado e acessível para poucos² (Alexandre, 2022, tradução do artista).



Figura 5
Elaboração de painel coletivo
durante o ciclo de oficinas
livres de artes plásticas,
Morro da Providência,
Rio de Janeiro, 2023
(Fotografia de Lorena Portela
Soares. Acervo pessoal)

² No original: *In truth what it aims for is that art remain in control of a group of individuals through actions of social differentiation that define who has good taste, culture, who knows how to express in a concise form, to discuss abstract thoughts and values, in order to concentrate symbolical and intellectual capital. To feed the soul is the privilege of those who have food to feed their bodies. It's a privilege that is cultivated, taught and only for the very few.*

Roseli Caldart (2017) pondera que se nos acostumamos a ver na arte uma profissão de alguns indivíduos e não uma maneira de viver as experiências sociais, psicológicas e transcendentais/espirituais que compõem nossa vida, é porque estamos em uma sociedade que precisou do trabalho alienado, ou seja, destituído da poesia e da arte, para subsistir. Na proposta deste estudo, as práticas artísticas intencionam apoiar o desenvolvimento de habilidades que são negadas pela estrutura social capitalista-colonialista, em que é pouco encorajada, sobretudo aos segmentos populares, a experiência oferecida pela feitura do objeto artístico e seu potencial de subversão à lógica produtiva do trabalho como sujeição (Linhares, 1995).

O campo artístico tende a estabelecer estratificações das manifestações artísticas, por exemplo, diferenciando-as entre arte especializada (“pura” ou legítima) e arte popular ou *naïf*. Essa separação facilita a introdução do trabalho artístico na esfera do consumo, ao mesmo tempo que relega a arte popular à esfera da vivência, menos especializada e pertencente a um contexto cultural valorado como inferior (Meireles, 2020).

Em estudo sobre os contextos artísticos e movimentos sociais, Flavia Meireles explicita alguns problemas do campo das artes referentes às estruturas de poder e à violência simbólica produzida pelas hierarquias no interior da instituição. São exemplos o processo em curso de neutralização da potência transgressora das práticas artísticas e de sua aglutinação à esfera do consumo e a presença muito predominante de pessoas marcadas socialmente como brancas e a ausência histórica de agentes não brancos na arte (Fraser, 2014, apud Meireles, 2020).

Essa exposição e ter essa possibilidade de colocar elas como artistas, delas se enxergarem como artistas, delas receberem... É isso. Abre um outro local, um outro caminho para elas. Que não tem problema nenhum elas trabalharem na cozinha ou trabalharem na limpeza como as outras pessoas do morro que estão lá trabalhando [no Museu], que entram nesses lugares trabalhando. É que não pode ser só esse lugar delas. Só esse lugar de pertencimento delas (Alessandra Roque, moradora da Providência e coordenadora da Providência Agroecológica, em entrevista concedida à pesquisa).

Não houve qualquer remuneração ou bolsa associada à participação nas oficinas. Com a realização da mostra, viabilizada com recursos oriundos de um edital da Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro, foi alinhado que as artistas receberiam um pequeno valor de apoio (ou cachê) como contrapartida da exposição de suas peças, com base em critérios de presença nas oficinas. Realizar a exposição nos pareceu uma etapa necessária, bem como a possibilidade de uma contrapartida financeira, como forma de valorização do trabalho artístico.

A exposição no espaço formal de um museu não foi construída como condição para a valorização dos objetos de arte, mas como experiência de pertencimento a uma territorialidade circunscrita ao asfalto. Frequentar e ocupar institucionalidades associadas ao sistema formalizado das artes é igualmente importante para que se possa, também, produzir questionamentos sobre seus funcionamento e limites.

Ressalta-se que o Muhcab é um equipamento cultural de território e de responsabilidade social dedicado à revitalização da memória da história e celebração da cultura afro-brasileira, o que confere uma força simbólica específica ao acolhimento que deu à realização da mostra, somada à sua localização muito próxima ao Morro da Providência. De maneira alinhada aos objetivos desse museu público, Afável possibilitou, ainda que momentaneamente, a experiência de recuperação da totalidade do processo produtivo, da produção ao consumo e a desvinculação dessa produção artística de uma posição necessariamente marginalizada, ou seja, do seu lugar social de origem.

Notas sobre as práticas artístico-pedagógicas e a Providência Agroecológica

A vivência e o conhecimento do território da Providência forneceram margens prévias para a elaboração das propostas artísticas coletivas. A Caravana Cultural da Favela e a mostra Afável representam fragmentos de um processo educativo continuado. Essa condição dificulta o isolamento dos resultados dessas duas propostas do contexto mais amplo do qual fazem parte. Ainda assim, sua realização viabilizou a elaboração de leituras sobre as práticas sociais envolvendo a educação, a arte e as agriculturas urbanas em favelas.

Pode-se pensar que a Providência Agroecológica, ao lado de outros grupos e movimentos populares de agricultura urbana das periferias, vem cumprindo a função de exercício do direito à experiência estética, envolvendo o que poderia ser chamado de uma “estética do cuidado”, ao proporcionar a experiência de um ambiente coletivo mais biodiverso, mais fresco e arborizado. Mais saudável porque oferece outras cores, cheiros, sons; porque afeta o campo das subjetividades e dos imaginários, nutrindo o mundo material e simbolicamente. Ainda que se dê em áreas reduzidas e não alcance diretamente toda a população da favela, a presença da agricultura é afirmadora da lógica do cuidado e da vida, em espaços vulnerabilizados pela violência.

Um desafio importante à construção de condições para o aprendizado solidário nessas iniciativas é a superação de uma tradição assistencialista na relação entre organizações e as populações periféricas. Em um contexto de faltas básicas, descondicionar a permanência em atividades ao imperativo de recebimento de algum benefício assistencial imediato é um desafio pedagógico, que se associa à construção de interesse e engajamento entre as pessoas participantes. Em estudo sobre lideranças moradoras de favelas do Rio de Janeiro, Nunes e Veillette (2022) explicam que o cuidado com o coletivo que motiva o trabalho dessas mulheres não tem o assistencialismo como um fim em si mesmo, mas estabelece “o acolhimento como ponto de partida para práticas emancipatórias” (p. 6).

Outras práticas culturais e artísticas já vinham sendo gestadas no Morro da Providência associadas ao processo de educação agroecológica, grande agregadora dos outros temas e atividades, compondo os eventos, as celebrações e o cotidiano do quintal-sede da Providência Agroecológica. Especialmente com as crianças e os jovens, o trabalho se direciona à construção de um espaço que oponha relações de cooperação e responsabilidade entre as pessoas e com a terra.

A presença da arte e do ensino da arte se vincula, nesse contexto, ao direito de acessar e diversificar repertórios de conhecimentos e práticas. Não é preciso, necessariamente, se tornar artista – ou agricultor(a) –, o importante é poder experimentar essas posições como possibilidades.

Aprender e experimentar a dimensão coletiva e comunitária da prática estética

Vimos como as propostas com artes plásticas se vincularam à recriação de histórias; à valorização de mulheres lideranças de processos comunitários com

agroecologia; à ativação de sentidos de pertencimento; à experimentação e ao deslocamento de lugares sociais. Provocaram, também, pensar nas condições de produção e acesso a bens artísticos e culturais pelas pessoas envolvidas.

Como mencionado, as obras expostas na mostra Afável foram elaboradas ao longo de um ciclo de oficinas livres com mulheres e crianças do Morro da Providência. Como artista-facilitadora, também produzi minhas próprias peças e participei da composição das peças coletivas. Processo similar se deu na elaboração dos murais públicos da Caravana Cultural da Favela. Nessas práticas coletivas, minha intervenção se direcionou principalmente à construção de conexões visuais entre os desenhos de cada participante para, por meio dessas “pontes”, oferecer harmonia imagética à obra como um todo.

Ocupando a posição de “artista” e/ou “professora” busquei um resultado que fosse agradável ao grupo todo e também a mim, como parte desse grupo. Essas intervenções se deram mais pelos próprios gestos do fazer do que com a palavra. Especialmente nas oficinas realizadas com as mulheres, esse gesto de unificar e ao mesmo tempo fazer pequenas intervenções com pintura, desenho e colagem permitiu ir percorrendo o espaço (circular, em roda) de confecção coletiva, trocando de posição com as demais participantes e, nesses deslocamentos, interagindo com cada uma.

Nenhuma prática experimentada teve início com instruções sobre o “modo de fazer”. Ainda que dicas ou demonstrações específicas pudessem ser dadas para encorajamento inicial ou mediante solicitação, a intencionalidade plástica orientadora sempre foi a experimentação. Observamos que a postura de abertura à experimentação e a confiança no processo coletivo influenciaram o resultado final. Nos momentos de criação artística compartilhada, pouco a pouco foram-se rompendo silêncios, conforme nossos desejos e ideias tiveram lugar de expressão. Exercitamos lidar com frustrações, quando se chegava a um resultado distinto do idealizado inicialmente.

As mulheres já chegaram às oficinas com trajetórias de vida ligadas à arte, mas não reconheciam suas experiências como tal. Inequivocamente, as habilidades manuais sofisticadas e a criatividade observadas nas peças artísticas expostas em Afável são fruto de uma vida de elaboração estética cuja produção não havia sido, até então, denominada arte. Nomear um conhecimento e apoiar que o sujeito que o detém reconheça o lugar social de artista foi um dos objetivos desse espaço de ensino e experimentação das artes.

O enfoque de gênero alinhou-se aos objetivos da Providência Agroecológica, como iniciativa mantida por mulheres, o que gera uma circunstância específica na mobilização à participação no território. Garantir espaços específicos de participação das mulheres nas oficinas e na Caravana evidenciou as condições de saúde e vida em que estão inseridas.

Se a realização de algumas práticas artísticas pode contribuir para a melhoria de situações de saúde, pode simultaneamente ser limitada por ela. Algumas mulheres participavam das atividades lidando com problemas crônicos ósseos e musculares que dificultavam seus deslocamentos, ou mesmo com limitações nas mãos que prejudicavam determinadas movimentações, e impuseram outra temporalidade à execução da atividade manual/plástica.

Não houve a pretensão de responder a essas e às muitas outras limitações colocadas à experimentação artística coletiva no contexto da Providência ou de outras favelas do Rio de Janeiro. Condições estruturais e de acesso à própria sede da Providência Agroecológica, como a declividade do terreno e os deslizamentos de terra, por exemplo, limitaram a realização de algumas atividades, que foram adiadas para evitar acidentes nos dias de ameaça de chuva.

Outro aspecto diz respeito aos recursos materiais. As atividades artísticas demandaram uma quantidade significativa de produtos com custo proporcionalmente alto à realidade financeira de boa parte das pessoas participantes, cuja aquisição foi viabilizada com recursos pessoais e mediante acesso a um pequeno edital de fomento como Providência Agroecológica.

Como pessoa que trabalha e mantém vínculo com o território, o espaço de criação coletiva possibilitou mais aproximação e estabelecimento de vínculo com as moradoras e moradores, bem como escutar e partilhar interesses, histórias de vida e situações de saúde. Internamente, assumir a posição de facilitadora mobilizou inseguranças e reflexões, e apoiou um processo de reconhecimento pessoal como artista e educadora.

As reflexões elaboradas conjuntamente durante as práticas artísticas e as entrevistas foram a base para a discussão aqui apresentada: uma episteme sustentada na convivência e na generosidade das companheiras, crianças, e adolescentes, protagonistas e parceiras/os de trabalho que compartilharam seus conhecimentos e tempo. Esse processo de educar-aprender se constitui, para Maturana (2002), conforme se convive com o outro, e, nessa convivência, seu modo de viver vai se fazendo progressivamente mais congruente com o do outro no espaço do convívio.

As propostas artístico-pedagógicas representaram, assim, um meio de agregação e de suporte ao nosso encontro. Como colocado por Adriana Nascimento, moradora da Providência: “Isso aqui é terapêutico, quando a gente cria, não pensa em mais nada”. A dimensão “terapêutica” do fazer artístico apontada pela participante pode estar associada à constituição de espaços seguros de expressão e criação. Ainda que limitados, esses espaços evidenciaram a dimensão coletiva e comunitária da prática estética e alimentaram nossos imaginários de emancipação social e ambiental, renovando expectativas, desejos e inspirações para seguir o trabalho cotidiano nessa “escola em construção”.

Lorena Portela Soares é pesquisadora da Agenda de Saúde e Agroecologia da Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (VPAAPS/Fiocruz) e cocrordenadora da organização Providência Agroecológica.

Referências

- ALEXANDRE, Maxwell. Connecting disparate universes: an interview with Maxwell Alexandre on the occasion of his first solo exhibition in the United States | *Newcity Brazil*. 2022. Disponível em: <https://www.newcitybrazil.com/2022/12/05/connecting-disparate-universes-an-interview-with-maxwell-alexandre-on-the-occasion-of-his-first-solo-exhibition-in-the-united-states/>. Acesso em 30 dez. 2024.
- ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de et al. Feminismos, agroecologia e o comum na construção de sistemas alimentares urbanos. *Cadernos de Agroecologia*, Recife, v. 15, n. 3, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6358>. Acesso em 19 jan. 2024.
- ANA, Articulação Nacional de Agroecologia. *Caderno III – Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia: agroecologia e democracia unindo campo e cidade*. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, jun. 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela. Corrêa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Educação Popular*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 51-62, 2007.

CALDART, Rosely S. *Sem-terra com-poesia: a arte de recriar a história*. São Paulo: Expressão Popular, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/61534>. Acesso em: 11 dez. 2024.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O tortuoso e doce caminho da sensibilidade*. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. 4. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MEIRELES, Flavia. *Movimentos sociais e contextos artísticos: lutas pelos corpos e pela terra no capitalismo neoliberal*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43989917/Movimentos_sociais_e_contextos_art%C3%ADsticos_lutas pelos_corpos_e_pela_terra_no_capitalismo_neoliberal_texto_e_book_PPGCOM_UFRJ_?auto=download. Acesso em 10 maio 2023. Acesso em: 13 out. 2024.

MONTEIRO, Denis; LONDRES, Flavia. Pra que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. In: Sambuichi, Regina Helena Rosa et al. (orgs.). *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: Ipea, 2017.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade; VEILLETTE, Anne-Marie. Mulheres de favelas e o (outro) feminismo popular. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 1, p.1-15, 2022.

SILVA, Marcio Gomes da. *Pedagogia do Movimento Agroecológico: fundamentos teórico-metodológicos*. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

VALLADARES, Lícia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, p. 5-34, out. 2000.

Artigo submetido em março de 2025 e aprovado em maio de 2025.

Como citar:

SOARES, Lorena Portela. Artes plásticas, educação e favela: aprendizagens desde a Providência Agroecológica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 179-197, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n49.10>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.